

TRANSPARÊNCIA

Há tempos, Bresser deixava claro em seus artigos ser contrário ao afastamento do PSDB dos princípios da social-democracia

A COERÊNCIA ACIMA DO CONSENSO

Depois de romper com o PSDB, partido que ajudou a fundar, o ex-ministro de FHC Luiz Carlos Bresser-Pereira critica o moralismo das elites no episódio do mensalão e a facilidade com que parte da sociedade absorveu e incorporou os conceitos liberais. Aos 78 anos, está prestes a lançar mais dois livros. Publicamos um excerto de uma das obras, que analisa a formação do Estado brasileiro

texto ANDRÉ SIQUEIRA, HÉLIO CAMPOS MELLO e NIRLANDO BEIRÃO foto LUIZA SIGUEIM

“**O** malfeito, a compra de deputados e o uso indevido do dinheiro público existiram. Mas também é inegável que, em relação aos três principais líderes políticos condenados, não havia provas suficientes – provas que o direito penal brasileiro sempre exigiu para condenar.” Em um jogo de tentativa e erro, pouquíssimos observadores da política nacional seriam capazes de acertar a autoria desse trecho. E muitos outros ficariam perplexos ao saber que o argumento partiu do ex-ministro Luiz Carlos Bresser-Pereira, além de fundador, outrora protagonista do principal partido de oposição ao governo, o PSDB. O petardo faz parte de um contundente artigo, em que ele atribui as condenações ao surto do velho moralismo liberal que acomete nossas elites.

A surpresa só não foi maior para os mais atentos aos passos de Bresser. Em uma demonstração clara de coerência, ele vinha delineando há tempos seu posicionamento contrário ao afastamento entre o partido que ajudou a fundar e os princípios da social-democracia. Em abril de 2011, explicitou suas razões para o pedido de desfiliação do PSDB. O desligamento, na prática, já havia ocorrido desde o fim do governo de Fernando Henrique Cardoso, quando ocupou as pastas da Administração Federal e Reforma Política (de 1995 a 1998) e da Ciência e Tecnologia (até julho de 1999). Até 2002, ainda atuou como assessor do ex-presidente para assuntos relacionados com a governança progressista, ou terceira via.

Dez anos depois, em outubro de 2012, Bresser ressaltaria, em outro polêmico texto, que “não há razão para cidadãos republicanos votarem em candidatos que representam os interesses dos ricos”. A observação tratava da reeleição de Hugo Chávez na Venezuela, e representou um contraponto à crítica uníssonas da imprensa brasileira ao líder bolivariano. Uma mídia que, segundo Bresser, está “absolutamente convencida de que a melhor forma de o Brasil se desenvolver é se abrir o mais possível aos interesses estrangeiros”.

Não há como permanecer indiferente às posições de um emedebista de raiz, fundador do PSDB ao lado de Franco Montoro, Mário Covas e FHC, à época personalidades de esquerda – “moderada, progressiva, mas esquerda”, resalta Bresser. Como ministro da Fazenda de José Sarney, ele instituiu o Plano Bresser, uma tentativa de superar o fracasso do Plano Cruzado. Hoje, ergue a bandeira do novo desenvolvimentismo e critica a tendência crônica à apreciação cambial no Brasil, que torna a indústria menos competitiva.

Os artigos mais polêmicos, segundo Bresser, nasceram de ideias curtidas por anos. E presentes em uma extensa produção bibliográfica, longe de dar sinais de esgotamento. Aos 78 anos, o acadêmico está prestes a publicar *A Construção do Estado Brasileiro*, em que analisa as relações entre Estado e sociedade nos ciclos pós-Independência. Nas próximas páginas, **Brasileiros** publica, além da entrevista do economista, um excerto inédito da obra, gentilmente selecionado pelo autor.

Brasileiros – *Em seu recente artigo sobre o episódio do mensalão, o senhor faz uma crítica ao moralismo da elite brasileira e a associa ao liberalismo. De onde vem essa tese?*

Luiz Carlos Bresser-Pereira – O liberalismo político, para mim, é uma grande conquista da humanidade. Política é a garantia dos direitos individuais, liberdade, propriedade. Mas os liberais econômicos são de um moralismo feroz. Eles não têm proposta nenhuma para a sociedade, porque acreditam que o mercado automaticamente resolve tudo, basta garantir os contratos e o equilíbrio das contas públicas. Qual é a mensagem deles? É o moralismo, que ganhou esse pitêu do mensalão, porque a besteira que o PT fez foi muito grossa. Mas aproveitou-se o momento para mudar a jurisprudência brasileira de uma maneira muito perigosa. Quero ver, agora, o Supremo fazer isso com as grandes empreiteiras do Brasil.

Brasileiros – *O senhor tem feito um contraponto a essa visão consensual, que é muito fácil de estabelecer no Brasil, como na comemoração do desfecho do julgamento.*

Bresser – O que vejo na sociedade brasileira é um oxímoro deliberado, que mostra que as nossas elites são às vezes nacionais, e às vezes dependentes do exterior, ambíguas. A dependência se expressa na incapacidade de compreender as diferenças dos interesses nacionais com relação aos interesses lá de fora. Isso é muito forte no Brasil, e está na grande imprensa muito fortemente arraigado. Eles estão absolutamente

convencidos de que a melhor forma de o Brasil se desenvolver é se abrir o mais possível aos interesses estrangeiros. O que para mim é um absurdo completo. Minha esperança é ser capaz de fazer uma crítica da sociedade em que eu vivo, mas que seja construtiva.

Brasileiros – *Que faça as pessoas refletirem...*

Bresser – Que faça as pessoas refle-



dez anos agora criticam raivôsamente o governo que está aí. Por quê?

Bresser – Quando é eleito um presidente de esquerda, em qualquer país do mundo, imediatamente ele passa por um processo de cooptação pelo *establishment*. Ele vai ter de ceder um pouco. Política é a arte do compromisso. Ninguém pode governar contra a classe dirigente. O Lula, especialmente no segundo governo, desarmou os empresários, tamanho o sucesso do governo. A política dele revelou-se absolutamente não agressiva em relação aos muito ricos. Quando chega a Dilma, o processo de cooptação repetiu-se, mas a madame não tem jogo de cintura muito grande, não.

Brasileiros – *Falta habilidade política a ela?*

Bresser – Passei a respeitar a Dilma, que só vi duas vezes, quando ela foi ministra de Minas e Energia e mudou total-

“Lula desarmou os empresários, especialmente no segundo mandato, tal o sucesso do governo. DILMA REVELOU-SE MENOS DISPOSTA A ASSUMIR COMPROMISSOS. Ficou claro, ela está comprometida com os pobres”

tirem e que aponte caminhos. Faço a minha crítica sabendo que devo apresentar alternativas. Não é fácil. Quando escrevi esse artigo, pensei meses. O artigo sobre a Venezuela, também pensei muito. Sabia que nossa elite acha que o Chávez é um ditador, o que é uma besteira muito grande.

Brasileiros – *Vários empresários que ganharam muito dinheiro nos últimos*

mente o modelo de energia, caíram de paulada em cima dela, mas ela tinha absoluta razão. Fiz um artigo na época sobre isso, porque foi um absurdo a política energética do Fernando Henrique. Depois, ela se acertou um pouco com os empresários. Nesse governo, ela revelou-se menos disposta a assumir compromissos. Ficou muito claro, ela está comprometida com os pobres deste País. Não quer desapropriar os ricos,

não é nenhum perigo público, mas ela é o PT. E eles têm ódio do PT. Houve uma mudança muito grande na posição da classe média brasileira, que nos anos 1970 era altamente progressista. Nos anos 1980, continuou progressista, e deu na Constituição de 1988, que é uma beleza. Mas depois não teve crescimento, e essa classe média não teve grandes progressos. Quem progrediu foram os pobres, ou então os muito ricos.

Brasileiros – *Seu nome está entre o dos signatários do manifesto A Crise Mundial, a Defesa do Brasil e da Paz, ao lado de Samuel Pinheiro Guimarães, Carlos Lessa, Marcio Pochmann, João Pedro Stedile e outros intelectuais ligados à esquerda. Por que decidiu fazer parte desse grupo?*

Bresser – Porque são pessoas nacionalistas, e eu estou tentando, muito sistematicamente, recuperar o nacionalismo. Quando há uma dominação ideológica, como foi a neoliberal, uma série de palavras vira nome feito, pejorativo. Nacionalismo, desenvolvimentismo, populismo. Populismo, no bom sentido, é uma coisa muito séria. Getúlio Vargas, Andrew Jackson foram grandes líderes populistas.

Brasileiros – *Os conceitos mudaram?*

Bresser – A história do capitalismo é uma alternância entre grandes períodos de desenvolvimentismo e grandes períodos de liberalismo econômico, ou neoliberalismo. A partir do fim do século 16, a Inglaterra vive a formação do Estado-nação e a Revolução Industrial, que mudam o mundo. Foi um enorme sucesso. O liberalismo só tomou conta da Inglaterra a partir de 1834, quando reduziram as tarifas fortemente. A França já era liberal antes da Inglaterra. Dura até 1929. Com crise, crescimento de 1% ao ano para esses dois países. Depois da guerra, vem o segundo

desenvolvimentismo, os anos dourados do capitalismo. E, a partir de 1979, com (Margaret) Thatcher e (Ronald) Regan, o segundo neoliberalismo.

Brasileiros – *Que também acaba mal, se é que acabou.*

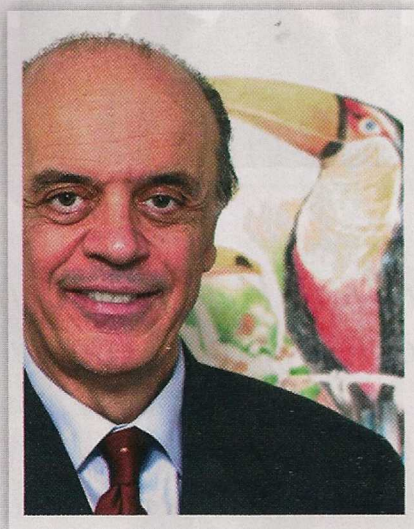
Bresser – Acabou em 2008. Ontem, li que a União Europeia já tomou 424 medidas protecionistas. Em Davos (no Fórum Econômico Mundial), acabaram

o primeiro liberalismo também é autoritário. O segundo desenvolvimentismo é não só democrático, mas social. O segundo liberalismo é democrático, mas não social.

Brasileiros – *É o neoliberalismo.*

Bresser – A teoria econômica neoclássica, dominante desde o final dos anos 1970, é a justificativa científica para o neoliberalismo. Científica entre

“Ainda votei no Serra (em 2010). Não gostei nada da campanha que ele fez. ESTAVA DECIDIDO QUE EU IA SAIR DO PSDB, MAS AINDA DEI ESSE VOTO. O partido não era mais de centro-esquerda”



aspas, porque para mim não é ciência coisa nenhuma.

Brasileiros – *O senhor fez parte do governo de Fernando Henrique Cardoso, quando as teses neoliberais mais avançaram no Brasil.*

Bresser – Fui ministro da Reforma do Estado. E saí em junho de 1999.

Brasileiros – *Como se consolidou, dentro do PSDB, essa hegemonia do neoliberalismo?*

Bresser – O Fernando Henrique vem da esquerda. O amigo economista dele era o Serra, que é um desenvolvimentista. Hoje, a seu modo, talvez um desenvolvimentista conservador. Aí, o Fernando Henrique foi chamado para o Ministério da Fazenda. E nós tínhamos uma alta inflação inercial, uma teoria que eu e o (Yoshiaki) Nakano tínhamos desenvolvido. Neste ano de 1984, também o (Edmar) Bacha começa a trabalhar nesse assunto. O André (Lara Resende) tem a ideia da moeda indexada e a apresenta em Washington com o Pérsio (Arida), em dezembro de

de criar um Instituto para o Novo Pensamento Econômico. Os bancos perderam o prestígio, a hegemonia foi-se embora. Estamos em um período de mudança. Para onde, não sei.

Brasileiros – *Um termo que tem sido muito usado é o capitalismo de Estado.*

Bresser – Aí, é a briga de nomes. Chamo isso de desenvolvimentismo. O primeiro desenvolvimentismo é autoritário, como

1984, em um *paper* que ficou com o nome de Larida. Em consequência disso, quando veio, em 1985, a transição democrática, eles foram chamados para fazer o Plano Cruzado, e ficaram identificados com isso. Quando fui ministro (*da Fazenda*), eles me ajudaram a fazer o meu Plano Bresser. Eles eram, sem dúvida, pessoas que compreendiam perfeitamente a inflação inercial. Quando o Fernando Henrique foi chamado para ser ministro, a mim ele não podia chamar.

Brasileiros – Por quê?

Bresser – Eu era ex-ministro. Isso não estava na cabeça dele e nem eu ia me oferecer, porque politicamente não fazia sentido. Era preciso trabalhar com o pessoal da PUC do Rio. Inicialmente, ele não estava conseguindo ninguém. Ele queria o Bacha, que afinal foi. Um pouco mais tarde foram o Pérsio, o André. Eles sabiam como se neutralizava a inércia inflacionária. O Fernando Henrique chegou ao governo embalado, tendo uma equipe que era dele. Bacha, Persio, André e o Pedro Malan, que era um *gentleman*, uma pessoa encantadora. E o Serra, que estava disputando, ficou de lado. Nós vivíamos então em 1994 e 1995, o auge do neoliberalismo. E esses rapazes, que eram chamados neo-estruturalistas, quando chegaram ao governo, no dia 1º de janeiro de 1995, eram absolutamente ortodoxos.

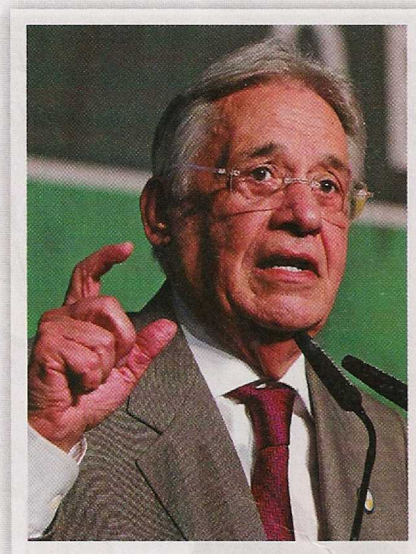
Uma coisa absolutamente lamentável.

Brasileiros – O Fernando Henrique também se converteu ao neoliberalismo nessa época?

Bresser – O Fernando Henrique é um notável sociólogo e é um homem que se adapta às necessidades em volta dele. Não é um homem de conflito, em hipótese alguma. Uma coisa que ele não compreendia, por exemplo, é

que o Plano Real foi um plano rigorosamente heterodoxo. A URV era absolutamente heterodoxa. O FMI, o Banco Mundial não sabiam nada disso. Ele não entendeu nada disso, e é claro que os jovens, não tão jovens, economistas não lhe diziam.

Brasileiros – O senhor já tinha consciência da ortodoxia instalada em um governo do qual fazia parte?



“O Fernando Henrique é um notável sociólogo e um homem que se adapta às necessidades. NÃO É UM HOMEM DE CONFLITO. DADO O SEU ESPÍRITO ACOMODATÍCIO, foi na onda neoliberal com certa facilidade”

Bresser – Não, não tinha não. Quando houve a escolha do Fernando Henrique como ministro, eu apoiei o Pedro Malan. Achei que estava mais motivado e era mais administrador do que o Bacha. Tanto um quanto o outro são ótimos. Disse isso ao Fernando Henrique. Mas, quando chegaram ao governo, tomei um susto. Logo nos dois, três primeiros meses.

Brasileiros – Mas o senhor só foi deixar o PSDB muito tempo depois.

Bresser – A minha primeira decisão de sair do partido foi tomada em janeiro de 1994. O Mário Covas tinha me convidado para ser candidato a deputado federal, no começo de 1993. Fiquei numa grande dúvida, tinha acabado de sair do meu trabalho no Pão de Açúcar (*onde foi vice-presidente*), tinha condições financeiras boas e podia ser candidato. Depois de perguntar muito a mim mesmo, conversar com Deus e todo mundo, dois amigos meus, em dois dias consecutivos, disseram que a minha contribuição ao País seria maior como intelectual do que como político. Pensei, então é isso. Só que, dois meses e meio depois, quando eu voltei dos Estados Unidos de uma viagem longa, puramente acadêmica, vem o Fernando Henrique e me convida para ser tesoureiro dele. Voltei, não como candidato, mas voltei. Quando eu saí em 1999, não tive nenhuma dúvida. Me mantive inscrito no PSDB, mas não tive mais atividade partidária.

Brasileiros – Seu artigo sobre o mensalão repercutiu tanto quanto o que trata das suas razões para deixar o PSDB. Há quem o chame de neopetista.

Bresser – (Risos) Não sou petista. Quando resolvi sair do PSDB, dei uma entrevista e fiz um artigo. Pensei muito antes. Ainda votei no Serra. Não gostei nem um pouco da campanha que ele fez em 2010. Estava decidido que ia sair do PSDB, mas dei esse voto. E saí

porque entrei para um partido em que todos os meus amigos eram de centro-esquerda, que tinha o nome de social-democracia, que defendi a vida inteira. O meu desenvolvimentismo, que é irmão gêmeo da social democracia, é nacionalista. Eu entendo que o mundo em que vivemos tem uma grande competição entre os Estados, em que os mais poderosos procuram explorar os menos poderosos. Faz parte da regra do jogo. Então, temos de cuidar das nossas vidas, e não fazer o que dizem que temos de fazer. Vi que esse partido nem se preocupava com a nação e nem era mais um partido de centro-esquerda. Era um partido de centro-direita apoiado pelos ricos. Na eleição do Lula, em 2006, foi impressionante a clivagem entre pobres e ricos, que não era tão clara na de 2002. Na de 2010, outra vez foi claríssimo. O PSDB é o partido dos ricos. Eles sempre reclamam do partido, falam que não funciona, mas votam todos religiosamente no PSDB. No fundo, o Brasil hoje tem dois partidos importantes que têm um pouco de ideologia. O PSDB e o PT.

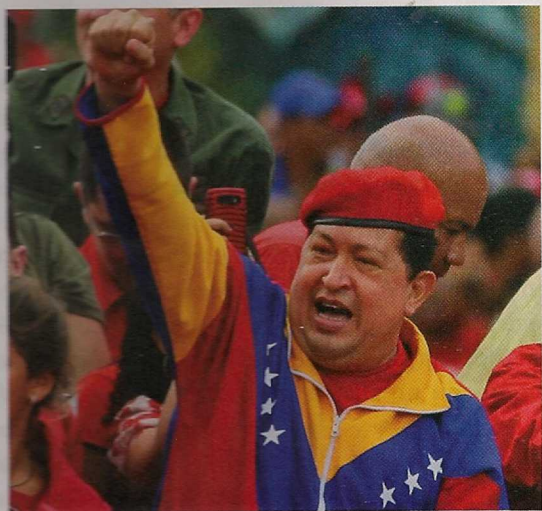
Brasileiros – *O senhor teve uma atuação partidária intensa no passado.*

Bresser – Fui do MDB e fundei o PSDB, sou um dos 140 que assinamos a ata, em 1988. Era o partido do (Franco) Montoro, do (Mário) Covas, do Fernando Henrique, que eram homens de esquerda. Moderada, progressista, mas esquerda. Disputava contra a direita no Brasil, que eram os militares, o (Paulo) Maluf, essas coisas. O PSDB foi empurrado para a

direita pelo PT na hora em que o PT fez a carta aos brasileiros, que é um clássico processo que acontece com os partidos socialistas na Europa. E eu já tinha essa preocupação. E o Fernando Henrique, dado o seu espírito acomodaticio, foi na onda neoliberal, com certa facilidade.

Brasileiros – *Algum partido o atrai hoje?*

“As nossas elites são às vezes nacionais e às vezes dependentes do exterior, ambíguas. ELAS ACHAM QUE O HUGO CHÁVEZ É UM DITADOR, O QUE É UMA GRANDE BESTEIRA. Pensei muito antes de falar sobre a Venezuela”



Bresser – Claro que não vou mais entrar em partido nenhum. Não tenho a menor intenção. Estou com 78 anos. Tenho dois livros sendo terminados. Um em parceria com Nelson Marconi e José Luiz Oreiro, com o nome *Structuralist Development Macroeconomics*. O outro chama-se *A Construção do Brasil*. É uma síntese do Brasil independente, de três ciclos da história da relação entre Estado e sociedade.

O primeiro ciclo é o Estado e integração territorial. O segundo ciclo, de 1930 até o fim dos anos 1970, é o ciclo Nação em Desenvolvimento, e o terceiro ciclo, que começa em 1977, é Democracia e Justiça Social. E busco uma síntese desses últimos anos.

Brasileiros – *O senhor vai tratar da teoria do novo desenvolvimentismo, que tem defendido em suas palestras?*

Bresser – Se der um nome só para ele, é o novo desenvolvimentismo. É a macroeconomia estruturalista do desenvolvimento. Estou desenvolvendo faz quase 12 anos. Em 2001, comecei a montar uma estrutura de pensamento econômico e do Estado para entender o que acontece no Brasil.

Brasileiros – *Em sua opinião, o governo ainda não encontrou o caminho para recuperar a trajetória de crescimento?*

Bresser – Dilma está empenhada na retomada verdadeira do desenvolvimento do País. Mas não está conseguindo. Acho que ela está na linha certa, basicamente. Está fazendo o que deve ser feito, mas não o suficiente. Especialmente em relação ao problema central que eu levanto, e os economistas não entendem ou não querem entender e deixam de lado, que é a taxa de câmbio. Para mim, a taxa de câmbio que o Brasil precisa é coisa de R\$ 2,75 por dólar.

Brasileiros – *Essa seria a taxa de equilíbrio do câmbio?*

UM ESTADO EM FORMAÇÃO

Confira um trecho inédito do primeiro capítulo do novo livro de Luiz Carlos Bresser-Pereira, *A Construção do Brasil*, a ser publicado, em 2013, pela Editora 34.

“ A periodização do desenvolvimento do Brasil deve ter como ponto focal o momento de sua revolução nacional e industrial, ou seja, de sua revolução capitalista, mas é razoável escolher a Independência como seu momento inicial, embora ela tenha assegurado apenas parcialmente a autonomia do novo país: da subordinação a Portugal o novo país passou à dependência da Inglaterra e da França. Assim, a formação do Estado brasileiro ocorrerá antes que se forme uma nação, e o Império será o período da construção desse Estado e da sua integração territorial. Só em um segundo momento, a partir de 1930, veremos se afirmar a Nação brasileira,

o Brasil se constituir em verdadeiro estado-nação, e se industrializar. Para compreender melhor a construção política e social do Brasil independente adoto neste livro uma periodização baseada em três grandes ciclos da relação entre o Estado e a sociedade. Sei bem que as periodizações envolvem simplificações que violentam a realidade do curto prazo, mas, em compensação, são sempre esclarecedoras quando nosso objetivo é uma visão geral de uma determinada sociedade e sua história. A partir dessa premissa, podemos pensar a história do Brasil independente, a partir de 1822, como formada por três grandes ciclos, conforme vemos no Quadro 1, cada um deles dando ênfase a um aspecto da construção do Brasil que estão claros nas denominações que lhes atribuí: o Ciclo Estado e Integração Territorial,

que corresponde ao Império, o Ciclo Nação e Desenvolvimento, entre 1930 e meados dos anos 1970, que corresponde à Revolução Capitalistas Brasileira, e, desde então, o Ciclo Democracia e Justiça Social. Através desses ciclos os brasileiros construíram e continuam a construir seu Estado (seu sistema constitucional legal soberano e a organização que o garante) e sua nação ou sua sociedade civil – as duas formas básicas de sociedade politicamente organizada. Em um primeiro momento o Estado prevaleceu sobre a sociedade; era o Estado que buscava dar forma nacional à sociedade; mas, a partir do segundo ciclo que é também o da revolução nacional e industrial ou da Revolução Capitalista Brasileira, essa relação se inverte, à medida em que a sociedade se organiza politicamente e caminha na direção da democracia. A partir

Bresser – Desenvolvi um conceito, que é fundamental em todo o novo desenvolvimentismo, que é taxa de câmbio de equilíbrio industrial, que é a necessária para que empresas que utilizem tecnologia no estado da arte mundial sejam competitivas. Eu vou dizer que essa taxa, quando o país tem doença holandesa (*recebe dólares externos em excesso com a venda de*

commodities) é diferente da taxa que equilibra a conta corrente do país. A taxa de câmbio é o interruptor de luz, porque ela conecta ou desconecta as empresas competentes do mercado mundial e do seu próprio mercado. Uma taxa de câmbio sobreapreciada pega todas as empresas competentes, que deixam de exportar. Foi o que aconteceu no Brasil desde 2003.

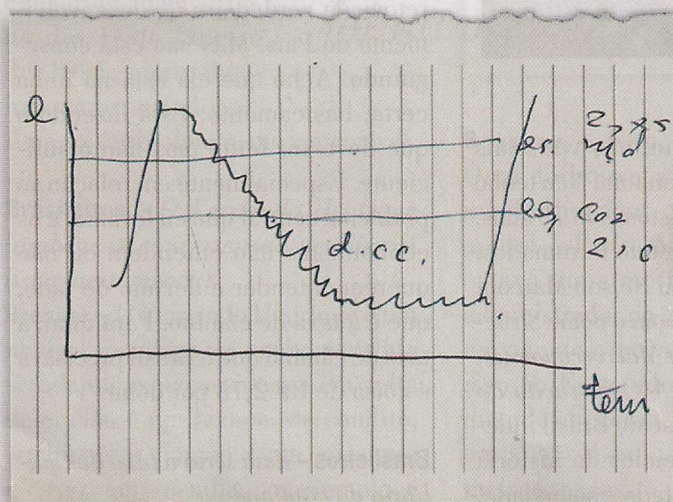
Depois de algum tempo, perdemos o mercado interno, porque aí vêm as importações, de empresas até menos eficientes que as suas.

Brasileiros – Por que deixamos esse processo ir tão longe?

Bresser – Vejam o que aconteceu no Brasil no governo Lula. Apesar do Guido (*Mantega, ministro da Fazenda*) ter tentado segurar a entrada, num grande ato de coragem, ele pegou o câmbio com taxa de 3,95 reais por dólar, que era claramente sobredepreciado, e deixou com 1,65, que era um escândalo. O mercado interno das empresas nacionais, quando chegou o governo Dilma, tinha acabado, capturado pela China.

Brasileiros – Os economistas heterodoxos dão atenção ao câmbio?

Bresser – (*Desenha o gráfico ao lado*). O economista neoclássico diz que a taxa câmbio flutua docemente em torno dessa linha. O keynesiano diz

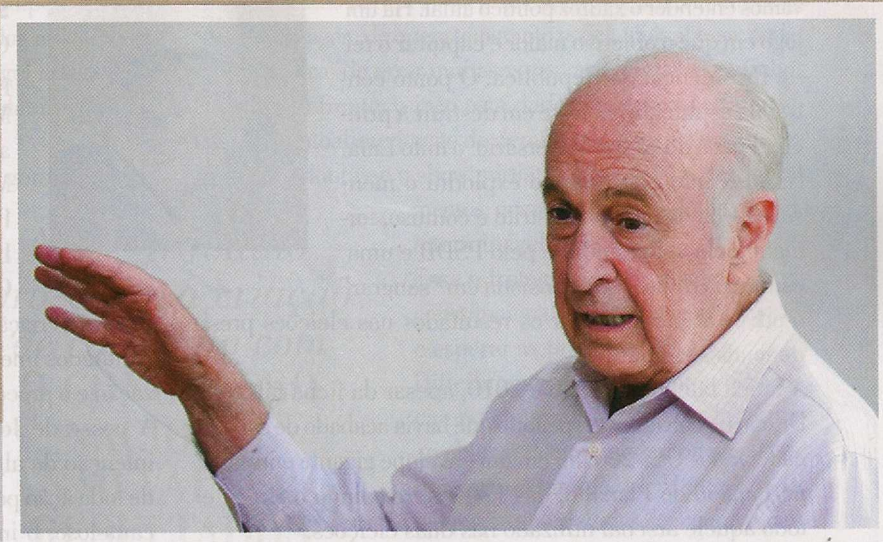


de então e cada vez mais, é a sociedade que passa a apontar a direção para o Estado. Dentro de cada ciclo podemos também distinguir pactos políticos, coalizões de classe nacionais ou dependentes, autoritárias ou democráticas. Em relação ao primeiro ciclo que tem um espaço menor neste livro do que os dois outros ciclos pós-1930, identifiquei apenas uma coalizão de classes, o Pacto Oligárquico, que reuniu a classe dos senhores de terra com a burocracia patrimonial do Estado e os interesses estrangeiros.

Já os dois outros ciclos eu dividi em cinco pactos políticos que se distinguem por seu caráter elitista ou popular e por seu caráter desenvolvimentista ou neoliberal: o Pacto Nacional-Popular de 1930, o Pacto Autoritário-Modernizante de 1964, o Pacto Democrático-Popular das "Diretas Já", e o Pacto Liberal-Dependente de 1990. Os pactos nacionais são sempre desenvolvimentistas, mas, como veremos estudando o Pacto

Autoritário-Modernizante, não são necessariamente populares, nem necessariamente democráticos. Só se tornam democráticos de maneira consolidada depois que o país realizou sua revolução nacional e industrial. O Pacto Democrático-Popular foi um pacto desenvolvimentista que garantiu a transição e consolidação da democracia brasileira. Os pactos neoliberais também não são necessariamente democráticos. O Pacto

Oligárquico, pré-1930, pretendia ser liberal, e o era no plano econômico, mas estava longe de ser democrático; já o Pacto Liberal-Dependente de 1990 aconteceu em plena democracia. Nesta periodização há períodos "vazios": são os momentos de transição, como foi a Primeira República (1889-1930), ou momentos de crise e vácuo político, nos quais a coalizão de classes dominante não está clara: esse é caso dos períodos 1961-1964 e 1987-1990. ”



que ela é volátil. Eu digo nem uma e nem outra. Eu sou keynesiano, mas (John Maynard) Keynes não pensou os países em desenvolvimento. No meu entendimento, a taxa de câmbio funciona da seguinte maneira: quando há crise de balanço de pagamentos, vem uma depreciação violenta da taxa de câmbio. Depois ela começa a apreciar e cria um déficit de conta-corrente. O equilíbrio é só um pedacinho do gráfico. Para os economistas americanos, ingleses e franceses, é uma maravilha termos um câmbio cronicamente sobreapreciado, porque assegura que eles possam exportar para cá bastante e importar pouco. Melhor ainda, assegura que a gente, no déficit de conta-corrente, vá tomar dinheiro emprestado lá. Lembra qual era o mote do governo Fernando Henrique? Vamos crescer com poupança externa. Bobagem.

Brasileiros – Como é possível reverter esse quadro do câmbio?

“Dilma teve coragem de levar o dólar de 1,65 para 2 reais, apesar da inflação. MAS SÓ CHEGARIA A 2,75 SE FOSSE NO COMEÇINHO DO GOVERNO. Se quiser fazê-lo, agora é só em 2015”

Bresser – Como há uma política de juros, é preciso uma política de câmbio. E o governo tem de estar empenhado em fazer com que a nossa taxa de câmbio tenha o nível do equilíbrio industrial, e flutue em torno dele. Mas não é tão simples, há os custos. Primeiro, os salários caem, no curto prazo.

Brasileiros – E cai a popularidade do governo.

Bresser – Segundo, isso causa inflação durante um pequeno período. Se não tiver inércia, ela volta a cair. E as

empresas endividadadas em dólar ficam em dificuldades. Três problemas suficientemente grandes para dificultar a manobra. Dilma teve coragem de levar de 1,65 para 2 reais. Essa inflação está aí um pouco por causa disso. Mas para chegar a 2,75, ela teria de ter feito no começo do governo.

Brasileiros – No ano da maldade...

Bresser – Nos próximos dois anos, ela não tem a menor chance de fazer isso. Se quiser fazê-lo e for reeleita, em 2015 poderá pensar nisso. |